

**Andressa dos Santos de Araujo**

Graduada no Curso de Enfermagem pelo  
Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

**Juliana Ferreira da Silva Milato**

Graduada no Curso de Enfermagem pelo  
Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

**Thatiana de Oliveira Bernardino**

Graduada no Curso de Enfermagem pelo  
Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

**Helena Portes Sava de Farias**

Docente no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a investigação de Práticas Grupais e Integrativas de saúde, como estratégia para assistência em enfermagem de crianças oncológicas hospitalizadas e seus familiares. Abordando os métodos não farmacológicos na contextualização da rotina vivenciada pelos pacientes, funcionários e acompanhantes, e no manejo da dor oncológica. Em consideração a baixa distribuição destas práticas nos setores de saúde em unidade hospitalar, justificam a realização desse estudo, mostrando a importância da estratégia de Práticas Grupais e Integrativas para crianças no âmbito hospitalar, e como essa assistência pode trazer um diferencial no tratamento dos pacientes e incentivar a família. O levantamento bibliográfico foi realizado no período de agosto de 2022 a maio de 2022, por meio do acesso às bases de dados disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados LILACAS, MEDLINE e BDENF. Através da busca inicial, foram encontrados trinta artigos, dos quais apenas quatro foram selecionados para construção dos resultados. Os resultados foram analisados e organizados em duas categorias, dentre eles: Categoria 1: Práticas grupais e integrativas abordando a contextualização da rotina vivenciada pelos pacientes, acompanhantes e equipe multidisciplinar. Categoria 2: A utilização de práticas integrativas no manejo da dor. A partir das informações obtidas, concluímos que o método não farmacológico de Práticas Grupais e Integrativas, possibilita ao paciente conforto, melhor adesão ao tratamento, controle da dor e dos sintomas como: náuseas, vômitos, ansiedade, fadiga, entre outros, e possibilita a promoção para uma melhor qualidade de vida e tratamento.

**Palavras-chave:** Oncologia pediátrica; Práticas grupais; Assistência de enfermagem ao paciente oncológico; Pics em oncologia.

## INTRODUÇÃO

O estudo tem como objeto de investigação as Práticas Grupais e Integrativas de saúde, como estratégia para assistência em enfermagem de crianças oncológicas hospitalizadas e seus familiares.

O interesse pelo estudo surgiu através do primeiro contato com a área de assistência no técnico em enfermagem, nos estágios em saúde mental onde foi abordado métodos de cuidado e implementações em práticas grupais e práticas integrativas em saúde, para complementar o tratamento terapêutico dos pacientes. Assim como, no setor pediátrico, onde foram abordados os cuidados com o paciente oncológico, assistência e cuidado no tratamento do paciente, e abordagens para o cuidado e convívio com a família.

Com o tempo de atuação na área, surgiu o interesse na graduação de enfermagem, onde aumentou o desejo de cuidar e ajudar mais as pessoas, a admiração e a afinidade ficaram ainda maiores depois da atuação. Durante os estudos na graduação os temas abordados nas unidades curriculares de Promoção a Saúde Mental e Qualidade de vida, que mostrou que o cuidado com a saúde mental pode se relacionar em todas as áreas, mostrando as abordagens e os cuidados utilizados com o paciente na atenção básica até a atenção de alta complexidade, assim como, na disciplina de Seminários Integrados em Enfermagem IV – Bioética, Cuidados Paliativos e Tanatologia, que incentivou a buscar novas maneiras de entender o que o paciente e a família está sentindo, nos mostrou o conjunto de práticas de assistência ao paciente incurável que visa oferecer dignidade e diminuição do seu sofrimento, e também na disciplina de Atenção Integral à criança e ao adolescente em unidades Hospitalares, onde despertou o interesse na assistência, cuidado, e em saber como é baseado a vivência não só do paciente hospitalizado mas também de sua família.

Câncer é um termo que abrange mais de 100 diferentes tipos de doenças malignas que têm em comum o crescimento desordenado de células, que podem invadir tecidos adjacentes ou órgãos a distância. Divide-se rapidamente, estas células tendem a ser muito agressivas e incontroláveis, determinando a formação de tumores, que podem espalhar-se para outras regiões do corpo. Os diferentes tipos de câncer correspondem aos vários tipos de células do corpo. Quando começam em tecidos epiteliais, como pele ou mucosas, são denominados carcinomas. Se o ponto de partida são os tecidos conjuntivos, como osso, músculo ou cartilagem, são chamados sarcomas. Outras características que diferenciam os diversos tipos de câncer entre si são a velocidade de multiplicação das células e a capacidade de invadir tecidos e órgãos vizinhos ou distantes, conhecida como metástase (INCA, 2020).

Atualmente, o câncer é um dos problemas de saúde pública mais complexos que o sistema de saúde brasileiro enfrenta, dada a sua magnitude epidemiológica, social e econômica. Ressalta-se que pelo menos um terço

dos casos novos de câncer que ocorre anualmente no mundo poderia ser prevenido (THULER, 2011).

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), em relação as práticas integrativas, observa-se que a distribuição dos serviços de PICS por nível de complexidade é: 78% na Atenção Básica, 18% na média e 4% na alta, assim como podemos observar que o nível de prática grupal é mais voltado para a Atenção Básica. As estratégias de práticas grupais visam à humanização dos pacientes oncológicos e radioterápicos. Afinal, a expectativa de vida e a incidência da doença, na população brasileira, crescem nas mesmas proporções em que novos casos são diagnosticados todos os anos, contribuindo para que a busca por tratamento efetivo e diferenciado. Com essa humanização criamos uma relação mais próxima entre a equipe multiprofissional e o paciente, onde encontram juntas soluções para os problemas que impactam sua qualidade de vida. Além disso, ajuda no desenvolvimento terapêutico de forma mais humana, considerando o doente como um ser individualizado, com suas características físicas e emocionais (BRASIL, 2020).

As práticas grupais e Integrativas em saúde são intervenções coletivas e individuais que buscam o favorecimento de desenvolvimento de atividades no tratamento terapêutico baseado em conhecimentos de psicoterapia e terapias tradicionais, que buscam a prevenção de doenças e a recuperação da saúde, podendo ser utilizadas como tratamentos paliativos. Diante da escassez de estudos sobre a temática abordada, esse projeto se torna relevante por trazer conhecimento e possíveis contribuições para a integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade, enquanto estratégia para o tratamento assistencial em enfermagem com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico, e assistência multiprofissional.

Considerando a baixa distribuição destas práticas nos setores de saúde em unidade hospitalar, há necessidade de assistência humanizada por parte da equipe não só de enfermagem, mas também as equipes multidisciplinares justificam a realização desse estudo.

Considerando a relevância da temática do estudo foram elaboradas as seguintes questões norteadoras:

- Qual a importância da estratégia de práticas grupais e integrativas para crianças oncológicas no ambiente hospitalar?
- Como essa assistência pode fazer/ trazer um diferencial no tratamento das crianças e ajudar/incentivar a família?

Considerando as questões anteriormente apresentadas, o presente trabalho tem como principal objetivo, apresentar abordagens terapêuticas não farmacológicas utilizadas no cuidado e assistência a crianças oncológicas hospitalizadas e os seguintes objetivos específicos:

Em resposta das questões norteadoras foram definidos os seguintes objetivos:

- Analisar as evidências do cuidado oncológico hospitalar e identificar as estratégias utilizadas;
- Alcançar resultados com base na temática, e com isso, sugerir implementações nas técnicas de cuidado e melhorias na assistência de enfermagem do paciente oncológico em unidade hospitalar, podendo trazer melhorias para o cuidado, assistência das crianças hospitalizadas e incentivo para família.

## REVISÃO DE LITERATURA

No ano de 2020 foram estimadas taxas brutas de incidência de câncer por 1 milhão de crianças e adolescentes entre zero e 19 anos, e do número de casos novos de câncer, segundo sexo, consistidas em um conjunto de tumores malignos que apresentam características próprias (INCA, 2020).

A dor oncológica apesar de ser uma dor comum em pacientes em tratamento de câncer, não deve ser vista como uma dor normal. “Dor oncológica é, portanto, qualquer dor relacionada à experiência de uma doença oncológica, seja causada pelo tumor, seu diagnóstico ou seu tratamento. Quando causada pela doença, é sim um aviso de que algo de errado está acontecendo e, muitas vezes, pode ser o motivo de buscar um serviço de saúde, levando ao diagnóstico”, diz o Dr. Gustavo Murta, anestesiologia, tratamento da dor e cuidados paliativos do Hospital Santa Paula.

Essa sensação de dor pode ser por diversos motivos, desde a dor da evolução do próprio câncer, assim como procedimentos invasivos como punções venosas, e os tratamentos quimioterápicos e radioterápicos. De acordo com dados da Associação Internacional Para o Estudo da Dor (IASP), cerca de 50% dos pacientes apontam ter dor na época do diagnóstico do câncer, com a doença estando na fase inicial, 75% dos pacientes relatam sentir dor em estágio avançado, entre os pacientes que ‘venceram’ o câncer 33% sentem a dor (IASP, 2021).

As dores podem ser classificadas em: dor oncológica, compressão da medula espinhal, dor óssea, dor cirúrgica, dor “fantasma”, dor de tratamentos contra o câncer, neuropatia periférica, feridas na boca, muco site e outras lesões devido a radioterapia, dor devido a procedimentos ou exames (Revista Abrale Online, 2021).

O câncer e seus tratamentos convencionais ocasionam muitos efeitos adversos agressivos que impactam na qualidade de vida dos pacientes. Desta maneira, a busca pela recuperação dos pacientes em tratamento oncológico abrange a medicina convencional e as Práticas Integrativas e Complementares (PIC's). A utilização de Práticas Integrativas e Complementares (PICs) nos pacientes com diagnóstico de câncer é elevada e, muitas vezes, acontece sem o conhecimento da equipe multiprofissional de saúde que realiza o tratamento para a neoplasia. Assim, é importante que

as Práticas Integrativas e Complementares (Pic's) sejam conhecidas pelos profissionais que realizam o tratamento oncológico convencional destes pacientes para que possam indicar uma complementação terapêutica, avaliar de forma individual a contribuição da PIC a cada paciente e até mesmo considerar a sua não realização quando exercerem interferência prejudicial ao tratamento (SIMINO GIOVANA, 2018).

## **PROMOÇÃO DE SAÚDE**

De acordo com o Art. 196, da Constituição Brasileira (BRASIL, 1988): a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. A promoção da saúde é uma das estratégias do setor saúde para buscar a melhoria da qualidade de vida da população.

O objetivo é promover uma gestão compartilhada entre usuários, trabalhadores do setor sanitário, de outros setores e movimentos sociais. Neste contexto, promover saúde se impõe pela complexidade dos problemas que caracterizam a realidade sanitária em que predominam as doenças crônicas não transmissíveis, a violência e as novas endemias. Se impõe também pela potencialidade de estratégias que superam a cultura da medicalização que predomina no imaginário da sociedade e que não pode ser modificada por meio destes mesmos procedimentos médicos, ou seja, promover saúde também é aceitar o imenso desafio de desencadear um processo amplo que inclui a articulação de parcerias, atuações intersetoriais e participação popular, que otimize os recursos disponíveis e garanta sua aplicação em políticas que respondam mais efetiva e integralmente às necessidades da sociedade.

É se responsabilizar no nível da legislação e execução com políticas que favoreçam a vida em todas suas dimensões sem que isso implique, necessariamente, no desenvolvimento de ações inéditas, mas no redirecionamento do enfoque das políticas públicas (BRASIL, 2012).

## **PRÁTICAS DE GRUPO**

Para Pichon-Rivière, apud Saidon, (1986, p. 184), a definição de grupo é: “todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes do tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe explícita ou implicitamente uma tarefa que constitui sua finalidade. Podemos dizer então que estrutura, função coesão e finalidade, juntamente com o número determinado de integrantes, configuram a situação grupal que tem seu modelo natural no grupo familiar”.

Atualmente, a prática grupal de educação em saúde vem se ampliando cada vez mais nos campos de Atenção Básica em Saúde, nas unidades de serviço como o CAPS e no campo de Assistência Social, onde o

trabalho requer vínculo, escuta, acolhimento, e apoio ao paciente para promover a saúde evitando possíveis acometimentos futuros que sejam prejudiciais ao indivíduo.

A psicoterapia pode ser definida como toda intervenção terapêutica onde se prioriza a relação do paciente com o seu conector, sendo ele: terapeuta, médico, enfermeiro, entre outros, para que sejam utilizados os recursos das linguagens corporais, verbais ou não, podendo possibilitar a remissão dos sintomas e seus conflitos. Através da psicoterapia o paciente deve poder compartilhar suas angústias, seus pensamentos íntimos, suas fantasias e inquietações. As psicoterapias podem ser individuais, onde a relação é dual, ou seja, o paciente se encontra com um terapeuta em local e hora pré-determinados. Já as terapias grupais se caracterizam pela reunião de vários indivíduos, cujo número pode ser diverso. As terapias podem utilizar recursos como modelagem, pintura, atividades corporais entre outras. Outra terapia existente é a familiar, que pode ser considerada como uma terapia de grupo com um grupo natural bastante específico e singular, exigindo assim toda uma abordagem diferenciada (Saidon Osvaldo, 1983).

## **PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES (PICS)**

O objetivo da PNPIC sempre foi implementar tratamentos alternativos à medicina na rede pública do Brasil, utilizando o SUS. No início contava com cinco procedimentos. Em 2017 conseguiram ser implementados mais 14 tipos de procedimentos. Já em 2018 com a expansão do programa, conseguiram incluir mais 10 procedimentos.

Em 2006, o Ministério da Saúde aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) onde as áreas contempladas são as de Homeopatia, Fitoterapia, Plantas Medicinais, Medicina Tradicional Japonesa, Acupuntura, promovendo a institucionalização destas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Hoje a PNPIC contempla 29 práticas: Apiterapia, Aromaterapia, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Bioenergética, Constelação familiar, Cromoterapia, Dança Circular, Geoterapia, Hipnoterapia, Homeopatia, Imposição de mãos, Medicina Antroposófica/ Antroposofia Aplicada à Saúde, Medicina Tradicional Chinesa/ Acupuntura/ Tai Chi Chuan, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Ozonioterapia, Plantas Medicinais e Fitoterapia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa, Terapia de Florais, Termalismo social/ Crenoterapia e Yoga.

As PICS são uma forma importante de cuidado presente no SUS, a partir das PNPIC na Atenção Primária de Saúde (APS). Lembrando que é na atenção primária onde devemos promover as resolutividades em oitenta por cento das necessidades de saúde. Por isso, muitas PICS contribuem para o cuidado de certas doenças como ansiedade, hipertensão, diabetes, depressão, obesidade, dentre outras doenças e agravos de saúde. (BRASIL, 2015).

## **METODOLOGIA**

A estratégia metodológica que irá instruir este estudo é a revisão integrativa, pois permitirá aos pesquisadores obtenção do conhecimento de evidências dos métodos de tratamento oncológico não convencional por meio de leituras de artigos, livros, monografias e outros, tornando assim, um estudo de pesquisa de natureza descritiva, pois terá o objetivo de reunir e analisar dados, tendo o objetivo de desvendar as experiências da assistência ao paciente oncológico ligada a vivência do profissional e paciente, onde serão abordados aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano que não podem ser quantificados em equações e estatísticas, e quantitativa, na qual tem o objetivo de aplicar ferramentas estatísticas, podendo utilizar gráficos e tabelas para demonstração de resultados

A pesquisa do tipo descritivo objetivo descrever determinados acontecimentos através de formulações empíricas e teóricas permitindo acumular informações de maneira completa com descrições quantitativas e/ou qualitativas, dando prioridade ao caráter representativo sistemático (LAKATOS; MARCONI, 2015).

A pesquisa qualitativa busca descrever o comportamento das variáveis e diversas situações encontradas quando comparadas a problemática da pesquisa, permitindo descrever percepções, opiniões e interpretações no ponto de vista de como se vivem e se posicionam diante de tal fato (MINAYO, 2010).

Para Neto (2012), o que caracteriza uma pesquisa quantitativa, são os requisitos de um procedimento experimental, incluindo características como a validade dos processos e o uso da manipulação das variáveis de estudo. Utiliza-se de maneira intensiva os testes estatísticos que correlacionam às variáveis estudadas, verifica o impacto e a validade do experimento e busca pela relação causa-efeito (causalidade).

Foram realizadas buscas na literatura bibliográfica por meio do acesso às bases de dados disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciência e Saúde (LILACS), Medical Literatura Analysis and Retrieval System on line (MEDLINE) e Base de dados em Enfermagem (BDENF). Serão utilizados os descritivos: oncologia pediátrica, práticas grupais, assistência de enfermagem ao paciente oncológico, PICS em oncologia.

Para a busca, foram selecionados os textos que estejam disponíveis de forma completa, sendo eles publicados no idioma português, entre os períodos de 2015 e 2021.

A pesquisa trata de uma análise de conteúdo feita de forma crítica por meio de leitura na íntegra e de instrumento de coleta de dados específicos de artigos composto por dados como: Autor, ano, principais evidências do estudo, benefícios e terapias aplicadas. Serão utilizados critérios de inclusão: Artigos publicados nos últimos seis anos, sem delimitação do país de

publicação, com delimitação de idioma e revisado. Como critérios iniciais de exclusão: indisponibilidade dos artigos por meio de acesso público, on-line.

Foram encontrados um total de 30 referências. Procedeu-se uma leitura dos resumos, que rendeu exclusão de 20 títulos conforme critérios acima. Restaram 10 artigos que foram criteriosamente lidos e destes excluídos 05 títulos devido a não adequação à temática que foi proposta, abordagens voltadas a outras áreas da saúde. Na terceira avaliação, optamos por selecionar artigos que discursavam sobre as práticas grupais e integrativas e oncologia num contexto geral, excluindo 01 artigo que restringiu o subtipo. Ao final, restam 04 artigos que foram lidos e analisados criticamente para a construção de revisão.

Ao final da análise de artigos selecionados para construção de revisão, os estudos foram organizados em 2 categorias, dentre eles: Categoria 1: Práticas grupais e integrativas abordando a contextualização da rotina vivenciada pelos pacientes, acompanhantes e funcionários. Categoria 2: A utilização de práticas integrativas no manejo da dor, abordando avaliações, resultados de benefício e efeitos adversos.

Os resultados do estudo serão socializados através da apresentação pública de defesa acadêmica e atividades subsequentes na instituição de ensino Centro Universitário Augusto Motta, no ano seguinte. Terá o intuito subsequente de ser socializado em eventos científicos relacionados a prática e assistência de enfermagem e ao tema em discussão, sendo assim, podendo divulgar os dados obtidos nessa pesquisa em feiras científicas, simpósios e produções de artigos científicos.

Tabela 1: Artigos selecionados

<b>Título do Artigo</b>	<b>Ano</b>	<b>Autores</b>	<b>Revista</b>	<b>Resumo</b>
Acendendo as Luzes: uma inovação no Cuidado a Saúde dos Pacientes Oncológicos, Familiares e Equipe.	2020	LOCATELI, G.; CHAGAS, N.; GATO, C. M; OLIVEIRA, G.G.; ZENEVICZ, L.	Saúde em redes vol. 6 n.1, p.1-8 (155-162), 2020.	Trata-se de uma pesquisa de campo realizada no Hospital Regional do Oeste (HRO), onde o público-alvo é formado por pacientes, acompanhantes e funcionários. O objetivo é abordar a temática do câncer, contextualização da rotina vivenciada pelos paciente e realização de atividades de



				grupo e integrativas, sendo elas: Reiki, grupo de oração, construção de origamis, pinturas de mandalas, entre outras.
Métodos Não Farmacológicos para o Manejo da Dor em Oncologia Pediátrica: Evidências da Literatura.	2021	PAES, T. V.; RODRIGUES, F. M. S.; ÁVILA, L. DE K;	Revista Brasileira de Cancerologia. São Paulo. v. 67, n. 2, p. 1-9, 2021.	O uso de práticas integrativas no manejo da dor, como estratégia não farmacológica, mostrando a dor oncológica pediátrica e os instrumentos de avaliação, e resultados de benefício e efeitos adversos dos métodos de práticas integrativas utilizadas.
Oncologia Integrativa: Das Práticas Complementares aos seus Resultados.	2018	GOLDSTEIN, C.R.N; STEFANI, N.T.S; ZABKA, C.T.N;	Acta Medical vol. 39, N. 2, p. 1-14, 2018.	Mostra o uso de práticas grupais e integrativas e seus resultados como: Min-Body, massagem, fitoterápicos e suplementação, entre outros. Relacionando a inclusão das práticas pelos pacientes oncológicos.
Produção Científica de Enfermeiros Brasileiros sobre Enfermagem e Oncologia: Revisão Narrativa da Literatura.	2019	ROLIM, D. S.; ARBOIT, E. L.; KAEFER, C. T.; MARISCO, N. DA S.; ELY, G. Z.; ARBOIT, J.	Unipar, Umuarama, v. 23, n. 1, p. 41-47, 2019.	O cuidado da enfermagem na assistência ao paciente com câncer em situação de dor, incluindo planejamento, organização, prestação do cuidado e

				educação de pacientes e familiares, trazendo abordagens de cuidados paliativos, manutenção, prevenção de agravos e enfrentamento de doenças no cuidado em oncologia pediátrica.
--	--	--	--	---

Fonte: Produzido pelas autoras (2022)

## RESULTADOS

Os estudos foram organizados em 2 categorias, dentre eles: Categoria 1: Práticas grupais e integrativas abordando a contextualização da rotina vivenciada pelos pacientes, acompanhantes e funcionários. Categoria 2: A utilização de práticas integrativas no manejo da dor, abordando avaliações, resultados de benefício e efeitos adversos.

### **CATEGORIA 1: PRÁTICAS GRUPAIS E INTEGRATIVAS ABORDANDO A CONTEXTUALIZAÇÃO DA ROTINA VIVENCIADA PELOS PACIENTES, ACOMPANHANTES E FUNCIONÁRIOS.**

A primeira categoria foi realizada com base em 2 artigos intitulados: “Acendendo as luzes: uma inovação no cuidado a saúde dos pacientes oncológicos, familiares e equipe”, e “Oncologia Integrativa: Das práticas complementares aos seus resultados”.

O primeiro artigo intitulado “Acendendo as luzes: uma inovação no cuidado a saúde dos pacientes Oncológicos, Familiares e Equipe” destaca a forma em que a prática integrativa e complementar tem se incorporado ao sistema de saúde de maneira significativa, nas assistências a saúde dos pacientes, especialmente na área da oncologia. As terapias integrativas e complementares são reconhecidas como benéficas pelos pacientes, familiares e profissionais. Consideradas aliadas na melhora da qualidade de vida durante o período de internação e tratamento.

O local selecionado para desenvolvimento das atividades relativas ao projeto é o hospital Regional do Oeste (HRO) localizado na cidade de Chapecó- SC, restringindo-se a princípio, as ações ao setor de oncologia. O público-alvo é formado por pacientes, acompanhantes e funcionários conforme demanda espontânea. As práticas utilizadas como métodos de Práticas de Grupo e PIC'S são Reiki, Auriculoterapia, massagem laboral, meditação, grupo de oração, música e canto, Bio Energie.

Durante o desenvolvimento do projeto algumas atividades que foram abordadas são:

**Musicoterapia:** A atividade foi trabalhada com instrumentos como violão e violino, além do canto, por voluntários que passavam nas enfermarias oferecendo o momento da música aos pacientes e familiares. Quando possível se realizava a música no corredor da unidade, proporcionando um momento de alegria e descontração também aos demais acompanhantes e profissionais da unidade.

**Grupo de Oração:** Trabalha através da leitura de mensagens e orações variadas sempre respeitando a religião e preferências de cada paciente, buscando a conexão com a espiritualidade com o poder supremo, trazendo o benefício do equilíbrio, compaixão, reconexão e essência. Essa prática é uma forma de ver o contexto dos acontecimentos através de uma nova perspectiva, a qual por muito tempo foi apenas reduzida a uma visão focada na parte técnica.

Segundo Locateli et al (2020 p.160):

A espiritualidade é uma dimensão importante e inata do ser humano e fator de bem-estar, conforto e esperança, que precisa ser incluída no processo de humanização dos cuidados em saúde. Portanto, cuidar desta dimensão é uma prioridade com impactos significativos na saúde integral das pessoas e as PIC's são uma possibilidade real de suprir esta necessidade humana básica (LOCATELI et al, 2020, p.160).

Apesar da grande importância dos cuidados hospitalares, o paciente também precisa cuidar da sua espiritualidade pois também é um fator que contribui com o seu bem-estar, conforto e esperança durante o tratamento da doença.

Concluimos que aliar essas práticas nos cuidados hospitalares possibilitam ao paciente conforto, forças para o enfrentamento da doença, melhor adesão ao tratamento, conforto nas perdas e finitude.

Entende-se que apesar da grande importância dos cuidados hospitalares, o tratamento não farmacológico é uma grande ferramenta no cuidado de pacientes oncológicos, onde traz a promoção de saúde visando a redução do agravo patológico buscando melhoria da qualidade de vida do paciente através de Práticas Grupais e Integrativas como um fator que contribui com o seu bem-estar, conforto e esperança durante o tratamento.

O segundo artigo intitulado "Oncologia integrativa: Das práticas complementares aos seus resultados" refere-se a medicina integrativa como uma abordagem que pondera o equilíbrio entre práticas complementares e a medicina convencional, de maneira segura, individualizada e baseada em evidências. Uma estimativa demonstra que 30 a 50 por cento dos pacientes oncológicos buscam a medicina complementar ou alternativa durante os tratamentos convencionais.

Segundo Goldstein, Stefani e Zabka (2018 p.293):

Entre as terapias de mind-body, ressaltamos uma melhora significativa do estresse, depressão e ansiedade, fadiga e qualidade de vida. A massagem oncológica, individualizada para cada paciente, mostrou melhora principalmente para dor e fadiga, e bem-estar geral. Sobre os fitoterápicos e suplementos, existem poucos estudos com boas evidências; porém, há relatos de diminuição da dor, náusea e vômitos, principalmente após uso de cannabi-diol. Podemos ressaltar também a importância da dieta e exercício físico na melhora da microbiota intestinal, intimamente relacionada ao sistema imune, e alívio de fadiga, problemas no sono, ansiedade e bem-estar geral (GOLDSTEIN, STEFANI, ZABKA, 2018, p.293).

Entende-se que as terapias ajudam de forma positiva a melhora dos pacientes amenizando o alívio de dor, fadiga e bem-estar geral. É uma abordagem que pondera o equilíbrio entre práticas complementares e a medicina convencional, de maneira segura, individualizada e baseada em evidências. Esta inclui uma série de terapias possíveis de serem abordadas, tratando de corpo, mente e ambiente (GOLDSTEIN, STEFANI, ZABKA, 2018).

## **CATEGORIA 2: A UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS NO MANEJO DA DOR, ABORDANDO AVALIAÇÕES, RESULTADOS DE BENEFÍCIOS E EFEITOS ADVERSOS.**

A segunda categoria foi realizada com base em dois artigos intitulados: "Métodos não farmacológicos para o manejo da dor em oncologia pediátrica: evidências da literatura" e "Produção científica de enfermeiros brasileiros sobre enfermagem e oncologia: Revisão narrativa da literatura".

O primeiro artigo intitulado "Métodos não farmacológicos para o manejo da dor em oncologia pediátrica: Evidências da literatura" destaca a forma como as crianças sentem a dor oncológica, seja ela pela doença ou pelo tratamento, e a conduta do enfermeiro diante dessa situação.

O objetivo da intervenção para o controle da dor é aliviar e controlar essa queixa dolorosa, onde a criança pode ter uma qualidade de vida melhor. A criança internada pode ter sintomas como náuseas, vômitos, ansiedade, fadiga, perda de apetite, perda de peso, dificuldade de deglutição, fobia e medo.

Segundo Paes, Silva-Rodrigues e Ávila (2021, p.6):

Vários são os desafios na abordagem da dor em crianças, porém o maior deles é inerente à dificuldade,

em muitos casos, de elas expressarem objetivamente o que sentem. Para alguns pesquisadores, crianças que já se expressam bem verbalmente, ou com idade superior a cinco anos, são capazes de autorrelatar a dor. Já as crianças menores dependem de seus pais na avaliação e relato da dor que sentem. Outro estudo apontou que, como crianças menores não conseguem descrever a qualidade da dor, esta pode deixar de ser adequadamente analisada nessa população. Em um dos estudos analisados, avaliou-se a dor quantificando-a pelo número de resgastes anestésicos administrados e pela alteração da frequência cardíaca durante o episódio alérgico (PAES, SILVA-RODRIGUES E ÁVILA, 2021, p.6).

O tratamento complementar no controle de sinais e sintomas físicos, mostrou eficácia no controle da dor, diminuindo assim os efeitos adversos das medicações, além de náuseas e vômitos. Sendo assim, a criança passou a ter energia para deambular, melhora no ganho de peso e no humor, devido a redução da dor, com isso, houve redução no uso de analgésicos.

Entre os métodos não farmacológicos usados, os que se destacam são as práticas manipulativas corporais onde utilizam a massagem, acupuntura em crianças mais velhas, terapias energéticas como Reiki e a homeopatia. (PAES et al, 2021).

Nesse sentido, os profissionais da equipe multidisciplinar começaram a utilizar métodos não farmacológicos como dança, arte, teatro, musicoterapia, poesias, sempre agregando os familiares nas atividades para que os mesmos possam além de distrair-se, deixar a criança com uma melhora na autoestima e na realidade. A prática de colocar embalagens de super-heróis nos frascos de quimioterapia, faz com que a parte lúdica do tratamento acalme as crianças menores.

Além da abordagem farmacológica com os protocolos medicamentosos para o manejo da dor em oncologia pediátrica, é desejável o uso de intervenções de medicina complementar. As medidas não farmacológicas aperfeiçoam a resposta analgésica, interferindo na diminuição da geração do impulso, alterando os processos de transmissão e de interpretação do fenômeno doloroso e estimulando o sistema supressor da dor (PAES et al, 2021).

O segundo artigo intitulado “Produção científica de enfermeiros brasileiros sobre enfermagem e oncologia: Revisão narrativa da literatura” destaca-se a atribuição do enfermeiro na oncologia.

A atribuição do enfermeiro é prestar assistência aos pacientes com câncer na avaliação diagnóstica, tratamento, reabilitação e atendimento aos familiares, desenvolvendo ações educativas, ações integradas com outros profissionais, além de apoiar medidas legislativas e identificar fatores de risco ocupacional. Desse modo, este profissional está inserido na prevenção, antes do processo de doença, durante ou ainda no final (ROLIM et al, 2019).

Segundo pesquisa com pacientes submetidos à quimioterapia em uso de terapias complementares, estas apresentam resultados positivos,

como o alívio da dor, senso de autocontrole e conforto psicológico, redução de sinais e sintomas e regressão do câncer, bem como maior proximidade com o profissional. ROLIM, et al (2019), afirmam que a pesquisa ainda aponta que as terapias complementares mais empregadas são a homeopatia, fitoterapia e uso de plantas medicinais, sendo que seu uso concomitante com a quimioterapia pode acarretar riscos de interações medicamentosas e reações adversas. Diante desta situação, os profissionais de saúde necessitam de atualização e aprofundamento teórico, para orientar os pacientes quanto aos riscos supracitados, uma vez que muitos pacientes utilizam plantas medicinais, sem levar em conta as suas propriedades (LIMA et al, 2015).

Segundo ROLIM et al (2019, p. 46):

Para os profissionais de enfermagem, o sofrimento dos pais pela perda do filho gera um sentimento de puro pesar, compartilhando o processo de morte. Ainda para Reis et al., (2014), com as relações estabelecidas desde o cuidado paliativo até a morte, surge a necessidade de se implementar ações no serviço hospitalar visando ao apoio a essas situações do cotidiano assistencial, no intuito de minimizar sentimentos negativos, possibilitando um cuidado humanizado ao outro e a si, dependendo do local de trabalho, o profissional pode passar por sentimento de luto com frequência, gerando tristeza, estresse, desgaste, desmotivação pelo serviço (ROLIM et al, 2019, p. 46).

A família é de extrema importância na manutenção da saúde, prevenção e no enfrentamento de doenças no cuidado em oncologia pediátrica, a criança e a família são indissociáveis. Desse modo, o cuidado precisa ser integral, de forma a atender não somente as necessidades da criança como também as necessidades dos familiares que se encontram no ambiente hospitalar. Com o intuito de atender às necessidades dos familiares, a equipe de enfermagem deve trabalhar em um espaço participativo, no qual se estreitem as relações a respeito da autonomia das pessoas, utilizando-se de estratégias como atitude de escuta das angústias, das incertezas, e dos medos da família, bem como o diálogo ou até mesmo o silêncio em que a presença e companhia, consolam e confortam a família (REIS et al, 2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se a partir das informações e resultados obtidos, que a utilização de Práticas Grupais e Integrativas como método não farmacológico, possibilita ao paciente conforto, melhor adesão ao tratamento, controle da dor e dos sintomas como: náuseas, vômitos, ansiedade, fadiga, e possibilita a promoção para uma melhor qualidade de vida e tratamento. A revisão dos artigos selecionados demonstrou o alcance de diversos

resultados positivos quanto á melhora física, mental e espiritual dos pacientes oncológicos.

Os resultados foram analisados e organizados em duas categorias, dentre eles: Categoria 1: Práticas grupais e integrativas abordando a contextualização da rotina vivenciada pelos pacientes, acompanhantes e equipe multidisciplinar, que destacou a forma em que a prática grupal e integrativa complementar tem se incorporado ao sistema de saúde de maneira significativa, nas assistências a saúde dos pacientes, especialmente na área da oncologia. As terapias grupais e integrativas complementares são reconhecidas como benéficas pelos pacientes, familiares e profissionais. Consideradas aliadas na melhora da qualidade de vida durante o período de internação e tratamento.

Já na Categoria 2: A utilização de práticas integrativas no manejo da dor, destacou a forma como as crianças sentem a dor oncológica, seja ela pela doença ou pelo tratamento, e a conduta do enfermeiro diante dessa situação. O objetivo da intervenção para o controle da dor é aliviar e controlar essa queixa dolorosa, onde a criança pode ter uma qualidade de vida melhor.

O cuidado precisa ser integral, de forma a atender não somente as necessidades da criança como também as necessidades dos familiares que se encontram no ambiente hospitalar. Sendo atribuição do enfermeiro, prestar assistência aos pacientes na avaliação diagnóstica, tratamento, reabilitação e atendimento aos familiares, para que sejam desenvolvidas ações educativas para promoção e manejo das práticas grupais e integrativas.

Vale a pena destacar que, os temas abordados ainda são negligenciados de maneira geral na área da saúde, mesmo sendo ampliados e discutidos e inclusos na assistência do sistema Único de Saúde. Percebe-se que é necessário e de grande importância a intervenção e educação continuada na equipe multidisciplinar para que estratégias inteligentes e abrangentes sejam eficazes e aderidas ao planejamento de cuidado ao paciente oncológico, podendo ser utilizadas de forma estratégica e dinâmica de acordo com o quadro clínico dos pacientes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional de Câncer (INCA). **ABC do Câncer – Abordagens Básicas para o Controle do Câncer**. THULER. Rio de Janeiro, RJ, 2011. Disponível em: [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abc\\_do\\_cancer.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abc_do_cancer.pdf) . Acessado em: 15 set. 2021.

**BRASIL**. - MINISTÉRIO DA SAÚDE. Instituto Nacional de Câncer. **CÂNCER: O QUE É CÂNCER?**. In: INCA - MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Instituto Nacional de Câncer. Brasil, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/o-que-e-cancer>. Acesso em: 20 set. 2021.

**BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE.** Práticas Integrativas e Complementares (PICS): Quais são e para que servem?. *In:* MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **Práticas Integrativas e Complementares (PICS): Quais são e para que servem?**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>. Acesso em: 23 set. 2021.

**BRASIL. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. MINISTÉRIO DA SAÚDE.** Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. **Curso de Atualização em Práticas Grupais em Saúde**. [S. l.: s. n.], Rio de Janeiro, Rj, 2018.

PAES, Thais; RODRIGUES, Fernanda; ÁVILA, Lívia. Métodos Não Farmacológicos para o Manejo da Dor em Oncologia Pediátrica: Evidências da Literatura. **Revista Brasileira de Cancerologia**. São Paulo. v. 67, n. 2, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/05/1223889/document-30.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

LOCATELI, Gelvani; CHAGAS, Natanael; GATO, Caroline; OLIVEIRA, Gabriela; ZENEVICZ, Leoni. Acendendo as Luzes: uma inovação no Cuidado a Saúde dos Pacientes Oncológicos, Familiares e Equipe. Brasil. **Saúde Redes**, [S. l.]. v. 6, n. 1, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/08/1116548/2331-5337-2-pb.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

REZENDE, S.G.P. Práticas Integrativas e Complementares em Oncologia. *In:* SANTOS, M. , CORRÊA, S.T, FARIA, B.B.D.L, REIS, D.E.P. dos. **Diretrizes Oncológicas** 2. ed. Brasil: ELSEVIER 2018. cap. 51, p. 821. Disponível em: [https://diretrizesoncologicas.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Diretrizes-oncol%C3%B3gicas-2\\_Parte51.pdf](https://diretrizesoncologicas.com.br/wp-content/uploads/2018/10/Diretrizes-oncol%C3%B3gicas-2_Parte51.pdf). Acesso em: 23 set. 2021.

SUS (Brasil). Portal da secretaria de atenção primária a saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. *In:* Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasil: [2018?]. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/pics>. Acesso em: 2 nov. 2021.

INCA (Brasil). Inca. Programa Nacional de Controle ao tabagismo: Promoção da saúde. *In:* INCA (Brasil). Inca. **Programa nacional de controle do tabagismo: promoção da saúde**. Brasil: [2020 ou 2021]. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/programanacionaldecontroledotabagismo/promocao-saude>. Acesso em: 2 nov. 2021.

**BRASIL. Ministério da Saúde POLÍTICA NACIONAL DE PROMOÇÃO A SAUDE: PROMOÇÃO DA SAUDE.** BRASÍLIA: 2002. Disponível em:



<https://www.studocu.com/ptbr/document/universidadedesapaulo/promocao-da-saude/politica-nac-prom-saude/16059929>. Acesso em: 2 nov. 2021.

ROLIM, D. S.; ARBOIT, E. L.; KAEFER, C. T.; MARISCO, N. da S.; ELY, G. Z.; ARBOIT, J. **Produção científica de enfermeiros brasileiros sobre enfermagem e oncologia: revisão narrativa da literatura**. Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama, v. 23, n. 1, p. 41-47, jan./set. 2019. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/6261/3729>. Acesso em: 30 out. 2021.

GOLDSTEIN, Carolina Folgieri; STEFANI, Natasha de Astrogildo; ZABKA, Cristina Furlan. **ONCOLOGIA INTEGRATIVA: DAS PRÁTICAS COMPLEMENTARES AOS SEUS RESULTADOS**, ACTA MEDICA, 2018, v. 39, n. 2, p. 1-14, Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/periodicos/actamedica/assets/dicoes/2018-2/arquivos/pdf/27.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.